



MULHERES E POLÍTICA: ESPAÇOS E PERCEPÇÕES

Denise Castilhos de Araujo*

Universidade Feevale

deniseca@feevale.br

Daniela Muller de Quevedo**

Universidade Feevale

danielamq@feevale.br

RESUMO: Sabe-se que no Brasil, ainda é muito pequeno o número de mulheres que participam do espaço político, o que motivou essa reflexão, uma vez que o maior número de indivíduos no país é do sexo feminino. Este artigo objetiva refletir a respeito da participação e dos espaços ocupados por mulheres de uma cidade da região metropolitana do Rio Grande do Sul, na política municipal. Para tanto, parte-se da seguinte problemática: quais os espaços ocupados por mulheres na política de municípios da região metropolitana de Porto Alegre? E como essas mulheres percebem a política e seus próprios atos? Discute-se a ocupação do espaço público pelas mulheres, assim como a política. A fim de verificar como as mulheres se relacionam/relacionaram com a política, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com o uso de entrevistas semiestruturadas, aplicada em oito mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Política. Mulheres.

WOMEN AND POLITICS: SPACES AND PERCEPTIONS

ABSTRACT: It is known that in Brazil, the number of women participating in the political space is still very small, which motivated this reflection, since the largest number of individuals in the country are female. This article aims to reflect the respect of participation and of spaces occupied by women of a city in the metropolitan region of Rio Grande do Sul, in the municipal political spaces. Therefore, we start from the following problem: what are the spaces occupied by women in the politics of municipalities in the metropolitan region of Porto Alegre? And how these women perceive politics and their own actions? Discusses the occupation of public space by women, as well as politics. In order to verify how women, relate/related to the policy, there was a qualitative research was conducted using semi-structured interviews applied in 8 women.

* Possui graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mestrado em Semiótica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica. Atualmente é professora titular da Universidade Feevale, no Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e nos cursos de Comunicação Social e Design.

** Doutora em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental pelo Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS e Mestre em Matemática na Área de Probabilidade e Estatística pela UFRGS. É professora adjunta da Universidade Feevale atuando na graduação e pós-graduação, com orientações de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Qualidade Ambiental. Consultora CAPES na avaliação de Programas Acadêmicos e Profissionais na área de Ciências Ambientais.

KEYWORDS: Gender. Policy. Women.

MULHERES E ESPAÇO PÚBLICO

É de consenso, na maior parte da sociedade, a afirmação de que as mulheres estão presentes em muitos espaços, alguns deles antes destinados somente aos homens. A História indica vários momentos nos quais as mulheres saíram de suas casas, seus lares, para participarem da vida pública da sociedade, algumas vezes por necessidade de sustento da família, outras por vontade de realização pessoal ou profissional.

De acordo com Rago,

O espaço público moderno foi definido como esfera essencialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares, assistentes, enfermeiras, secretárias, ou seja, desempenhando as funções consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhes eram abertos.¹

Havia, nessa época (primeiras décadas do Séc. XX), por parte dos homens, a ideia de que as mulheres não eram biologicamente adequadas para comporem a vida pública, destinando-se, muitas vezes, essa participação exclusivamente às prostitutas. E a aparição de mulheres em lugares como bares, bailes, deveria ser feita somente se acompanhada por um homem. Dessa forma, a participação na política era vista como algo preferencialmente masculina.

Perrot² comenta que na França a política também era vista como um espaço que excluía as mulheres por falta de algumas características necessárias, como a abstração, a vontade de decisão, a coragem, por exemplo. Aponta também que esse espaço (política) exigiria da mulher um determinado tempo com horários limitados. Ou seja, as dificuldades encontradas pelas mulheres para participarem desse espaço constituíam-se como grandes entraves para seu reconhecimento como indivíduo político.

Considerando-se, então, a saída da mulher do espaço privado para o público, deve-se levar em conta a década de 1970, na qual se afirma que as mulheres “entraram

¹ DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Claudia. **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 603.

² PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru (SP): EDUSC, 2005.

em cena”³, e segundo Matos, tornaram-se, assim, visíveis na sociedade e na academia. A partir desse período, vários estudos começaram a ser realizados a fim de identificar esse indivíduo que até então estava à sombra dos registros históricos. Ou seja, proporcionaram-se momentos de estudo, de reflexão e de reconhecimento dos atos das mulheres na sociedade, bem como de sua relevância.

Para Matos, o que influenciou a mirada para as ações das mulheres foi a redefinição do político, tratando esse tema como algo presente no cotidiano da mulher, gerando questionamentos em relação à organização das famílias, os papéis, as lutas e os gestos femininos.

A discussão a respeito da dicotomia entre o espaço privado e o espaço público ocupado pela mulher remete à década de 1980. Decorrente do fato de que a partir desse momento, as mulheres efetivamente foram impelidas ao trabalho fora do lar, exigindo-se delas a realização profissional, entretanto, não se eximiu dessa mulher a obrigatoriedade da organização da casa, da família. Então, em um determinado momento, não bastava à mulher ter uma família “organizada, bem cuidada”, ela deveria, também, mostrar-se como uma profissional bem-sucedida.

Atualmente, vê-se que esse modelo de mulher (bem-sucedida em casa e no trabalho) tem sido recorrente, pois há um consenso social de que ela precisa mostrar-se capaz tanto na esfera pública, quanto na privada, sob os seus ombros estão postas obrigatoriedades de sucesso da família bem como da empresa na qual trabalha.

Nesse momento é importante ressaltar a definição de gênero, que pode ser tida como uma “construção dos perfis de comportamento feminino e masculino [...] definem-se um em função do outro, uma vez que constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados.”⁴ Além disso, deve-se lembrar que há, também, nessas relações aspectos como diferenças hierárquicas que levam às relações de poder recorrentes nas relações sociais.

MULHERES E POLÍTICA

³ MATOS, M.I. **Por uma história da mulher**. Bauru (SP): EDUSC, 2000, p. 10

⁴ Ibid., p. 16.

A participação feminina na política pode ser considerado algo recente, se for considerada a presença de mulheres em partidos políticos, em câmaras, em prefeituras. Por outro lado, ao se considerar a mulher executando ações políticas, pode-se dizer que a aproximação entre as duas (mulher e política) sempre existiu.

A participação política é um fenômeno amplo, com inúmeras formas e níveis de intensidade distintos. Os canais para a participação, qualquer que seja a forma desta, também são inúmeros, alguns deles mais explícitos e outros que dependem de análise mais acurada para se perceber o modo como os indivíduos são alçados à vida política.⁵

A autora, então, defende que o ato de votar, as discussões políticas, o trabalho para candidatos, a contribuição com dinheiro para partidos políticos e seus representantes, a participação em comícios, entre tantas outras ações, podem ser consideradas ações políticas.

Ainda a esse respeito, a discussão a respeito da participação feminina na política brasileira é um assunto que merece reflexão, pois este é um tema pouco explorado até hoje, considerando-se, ainda, a participação feminina nesse campo como marginal ou insignificante.

Essa situação talvez se justifique pelo fato de que somente em 1932 as brasileiras tiveram o direito ao voto concedido, e, considerando-se a participação de mulheres nas casas legislativas pode-se verificar que sempre foi insignificante, se comparada à participação masculina. Em decorrência dessa situação, em 1995, foi aprovada a lei da política das cotas, a qual destinava 30% de vagas dos partidos políticos para mulheres participarem das eleições. Entretanto essa participação não garantiu que, efetivamente, aumentasse o número de mulheres eleitas para cargos políticos. O que se observou foi ligeiro aumento, de acordo com Araújo, nas eleições de 1996, correspondendo à 11% dos representantes na Câmaras Municipais, se comparado esse número aos 8% das eleições de 1992.

Observando-se a história mais recente a respeito da presença de mulheres nas casas políticas, o site Sul21 publicou a matéria intitulada: “Mulheres são apenas 12,7% das eleitas para Assembleia do RS e 9,94% para a Câmara Federal”⁶, levando em conta

⁵ AVELAR, L. **Mulheres na elite política brasileira: canais de acesso ao poder**. São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung Representações no Brasil, 1996, p. 19.

⁶ Disponível em <http://www.sul21.com.br/jornal/mulheres-sao- apenas-127-das-eleitas-para- assembleia-do-rs-e-994-para-a-camara-federal/> acesso em 17.05.2016 às 10h.

os números das eleições de 2014. Nessa matéria, a jornalista responsável apresenta o número de mulheres eleitas para assumirem cargos políticos. E, de acordo com ela, “Na Assembléia Legislativa, dos 55 deputados eleitos, somente sete são mulheres, duas a menos do que na legislatura passada. Já para a Câmara Federal, onde o estado tem 31 representantes, apenas a deputada Maria do Rosário (PT) foi eleita.” Observa-se, pois, que o número de mulheres representantes do estado do Rio Grande do Sul diminuiu em relação às eleições anteriores, o que tem demonstrado que poucas mulheres têm se dedicado à política.

No mesmo texto, mulheres envolvidas com a política questionam o fato de que um grande número de candidatas é, simplesmente, para preencher a cota obrigatória de 30% nos partidos políticos, nem mesmo fazendo campanha. Outro aspecto comentado nesse material é o fato da necessidade de as mulheres cuidarem dos filhos, o que ainda é considerado como tarefa quase que exclusivamente feminina, o que dificultaria a dedicação das candidatas às atividades políticas corriqueiras.

Observando-se outro texto jornalístico, esse publicada no site do Senado Federal⁷, vê-se a discussão de uma campanha nacional chamada “Mais mulheres na política”, a qual visa garantir a cota de 30% das vagas nas casas legislativas, para as mulheres. Esse material informa, também, que a senadora Vanessa Grazziotin (PC do B – AM) esteve na Assembléia Legislativa do RS (dia 25.05.16), para lançar no estado a campanha que visa ao aumento da participação feminina em cargos políticos, entre outras questões.

O que se verifica, com esses textos é que eles reforçam o fato de que ainda se tem pouca representatividade feminina na política partidária, justificando a realização de uma campanha nacional para incentivar mulheres a concorrerem a cargos políticos.

Então, diante de um cenário que exhibe a pouca participação de mulheres na política, verificou-se a necessidade de discutir com algumas mulheres, suas percepções a respeito das vivências que tiveram com a política.

Esta pesquisa se constituiu de duas etapas, a primeira foi a realização de uma pesquisa exploratória na Câmara de Vereadores⁸, tentando averiguar quantas mulheres já haviam participado do legislativo da cidade, ou melhor, quantas tinham utilizado o

⁷ Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/05/25/campanha-mais-mulheres-na-politica-chega-ao-rio-grande-do-sul>, acesso em 17.05.2016, às 17h.

⁸ Informações obtidas no site <http://portal.camaranh.rs.gov.br/>, acesso em 20/08/2013.

“canal eleitoral”⁹ para fazerem parte da política. Pode-se verificar que a cidade tem legislaturas desde 1948, contudo somente em 1968 a primeira mulher assumiu cargo de vereadora no município. Em 66 anos de Câmara de Vereadores, somente nove mulheres participaram do Legislativo, e, atualmente, há uma vereadora atuando na cidade.

A segunda etapa de pesquisa inclui entrevistas semiestruturadas, nas quais foram questionadas três vereadoras, uma prefeita e quatro ex-primeiras damas.

Nesta pesquisa optou-se por discutir os espaços e as ações políticas de mulheres nascidas em Novo Hamburgo¹⁰, ou que exerceram atividades na cidade, considerando não somente a voz das vereadoras, mas, também, de algumas primeiras damas do município. Assim, tem-se a possibilidade de verificar como mulheres, em papéis políticos diferentes, assumem a política e se relacionam com os espaços públicos gerados por tal situação, identificando suas participações na política.

Ao longo de seis meses, foram entrevistadas oito mulheres, entre as quais três vereadoras, uma prefeita¹¹ e quatro primeiras damas. Essas mulheres têm entre 34 e 68 anos, sendo que a maioria (6) está na faixa etária dos 50 anos.

Para essas mulheres, foram realizadas questões semiestruturadas a fim de que elas pudessem expor de maneira flexível suas opiniões e pontos de vista acerca do tópico questionado. Pelo fato de se ter dois grupos de mulheres com atuação política diferenciada, houve uma adaptação em relação às questões. Para as mulheres que atuaram/atua na política com vínculo partidário, as questões foram as seguintes: seu começo na política; filiação ao partido (trajetória); relação da família com a política; como foi a primeira campanha; dificuldades e/ou preconceito na campanha ou no mandato; desafios das mulheres na política; objetivos para atingir como vereadora; perspectivas em relação a política regional, nacional; planos futuros na política.

Para o outro grupo de entrevistas, constituído pelas esposas dos prefeitos, as questões versavam os tópicos: dificuldades para participar da política; projetos realizados; continuidade na política; percepção da política no município; na região;

⁹ AVELAR, L; CINTRA, A. O. **Sistema Político Brasileiro: uma introdução**. Rio de Janeiro: UNESP, 2007, p. 264.

¹⁰ A cidade fica distante 40 quilômetros da capital Porto Alegre, e está localizada no Vale do Sinos. Tem 238.940 habitantes e 175.787 eleitores. Disponível em <http://www.novohamburgo.rs.gov.br/modules/catag/novohamburgo.php?conteudo=140>, acesso em 21.05.2016, às 16h.

¹¹ A prefeita referida é uma hamburguense, que se elegeu por uma cidade vizinha, chamada Dois Irmãos.

percepção da mulher na política. A análise das respostas obtidas nas questões abordadas se deu através de análise de conteúdo segundo Bardin¹². Essa metodologia, baseada em Laurence Bardin, propõe as seguintes etapas para a pesquisa: - leitura dos textos selecionadas para identificar as informações a serem analisadas e a codificação dos materiais; - definição das unidades de análise (tema) e de contexto (referência); - categorização (válidas, exaustivas, homogêneas, exclusivas, objetivas) construída ao longo do processo de análise; - descrição das categorias analisadas e interpretação a partir da produção de teoria a partir dos materiais em análise.

CARGO ELETIVO

O primeiro aspecto que se destaca, nessa pesquisa, é o baixíssimo número de mulheres presentes na política partidária da cidade, ou seja, em 66 anos de legislaturas, somente nove mulheres foram eleitas como vereadoras do município. De acordo com Avelar (1996), há várias razões para essa situação, a qual não é exclusividade da cidade pesquisada. Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber duas razões. A primeira razão apontada pela autora é o aprendizado social, ou seja, alguns valores diferenciadores de gênero são perpassados culturalmente para homens e mulheres.

Nesse sentido, pode-se perceber pela fala da vereadora C que realmente o mundo da política exige, até mesmo, determinados comportamentos mais semelhantes aos comportamentos masculinos, como ela coloca: “[...] eu já tenho esse jeito meio de homem, pode perceber pela minha voz, e as pessoas sabiam desse meu jeito durona, de vamos lá.”¹³

Outro aspecto apontado são os ciclos de vida das mulheres – casamento, maternidade, casa para organizar-, diferente do homem, para o qual a paternidade não chega a ser uma alteração de vida. Na fala da vereadora A, pode-se identificar a estreita relação que a mulher mantém com os filhos, impedindo-a, algumas vezes, de participar de alguns eventos. “Eu solicitei não ser mais convocada, tinha essa relação, a menina pequenininha, as sessões eram mais tarde, no final da tarde, não tinha com quem deixar.”¹⁴

¹² BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

¹³ Depoimento da vereadora C, em 10.06.15.

¹⁴ Depoimento da vereadora A, em 17.06.15.

A vereadora P também indica a mesma dificuldade, de conciliar vida política, trabalho e casa/maternidade, quando afirma: “Que na verdade é um grande desafio tu conciliar tua vida política com a profissional, que nem eu sou comerciante, mais a maternidade, ser esposa, são tantas as coisas que a gente tem pra fazer.”¹⁵

A prefeita T reitera a difícil tarefa de conciliar a carreira política com a vida familiar, como se vê no depoimento que segue, salientando, por sua vez, a diferença que essa situação apresenta para os homens, os quais não têm, para ela, tal preocupação.

Mas eu sempre digo, a diferença da mulher para o homem. E tem diferenças. E eu vou te provar como tem diferenças. Assim, tipo agora, por exemplo. Eu entro na prefeitura às sete e meia da manhã e volto às oito e meia (para casa). Meus filhos são adultos, um tem vinte e cinco anos e a menina tem vinte e dois anos. Os dois estão fazendo faculdade, só que eu quase não os vejo mais. Quando chego em casa, eles já saíram para a faculdade. Quando eles chegam, em torno de vinte e três horas, eu já estou em outro departamento que é o do sono, então, eu falo, mas eu nem sei o que eu falo. [...] E se é homem, a mulher organiza essa vida. Mesmo ela trabalhando, mas ela chega cinco e meia, seis horas, vê o que o filho fez, faz um lanche, daí ele sai correndo e tudo. E quando o homem chega, quer queira ou não, a casa está organizada, tem um lanche, uma comida, ele vai lá, toma banho, daí faz o lanche, tudo, e vai para a cama. Nós, mulheres, não. Nós, daí eu quero saber, daí eu ligo para o P (filho), daí que tu fizeste, que tu não fizeste, por onde tu andas, faço toda essa coisa, para a O (filha) mesma coisa, né.... Tento deixar um lanche pronto para eles, nem sempre dá, mas tento interagir junto, né. Porque nós, mulheres, temos isto de ser a cuidadora do lar. Então isso, não é que nos dificulta, é o “quê” a mais. Isso enquanto vereadora, era a mesma coisa. Então eu não vou dizer que é uma forma tranquila. Ser política é uma opção da mulher. É uma opção. Mas nós temos a nossa profissão enquanto vereadora, e temos a opção de ser política, e temos o nosso lar e os nossos filhos. Só que é altamente gratificante.¹⁶

A prefeita, mesmo identificando as dificuldades inerentes à profissão que exerce, aponta para uma satisfação, mas é interessante observar que ela reforça o discurso de que é a mulher quem tem a obrigação de ter a família e a casa organizadas, pois o homem não poderia exercer essas tarefas.

E, mesmo diante dessas dificuldades, é possível observar que as mulheres podem ser vistas como indivíduos capazes de “fazerem a diferença”¹⁷ nesse espaço,

¹⁵ Depoimento da vereadora P., em 25.06.15.

¹⁶ Depoimento da prefeita T, em 14.07.15.

¹⁷ AVELAR, L. **Mulheres na elite política brasileira: canais de acesso ao poder**. São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung Representações no Brasil, 1996, p. 64.

pelo fato de apresentarem os desejos, as necessidades de mulheres, tais como políticas dos direitos das mulheres, questões familiares, questões relacionadas à saúde, reprodução, por exemplo.

Esse fato é presente na fala da vereadora A:

Olha, é boa a receptividade. Eu sou médica, então tem muita relação com as pessoas, mais com as mulheres. E sempre fiz campanha nessa história focando a questão das mulheres, os direitos das mulheres, e a questão da saúde. As pessoas recebem bem, essa história de ser mulher a gente não tem dificuldade, claro que dependendo o eleitor que tu aborda pode dizer “Aí o que vocês querem aqui, todos são ladrões”, essas coisas, mas é uma boa receptividade. Minhas pacientes sempre aceitaram bem eu ser candidata, fiz muita campanha no meio delas. Continuo trabalhando como médica, nunca deixei de trabalhar.¹⁸

Nesse depoimento, identifica-se o interesse que as mulheres podem dispensar a questões como saúde, família, pois se tratam de aspectos caros para a maior parte desses indivíduos, e, nesse caso, a vereadora era médica e atuava em postos de saúde da cidade, conhecendo, dessa forma, as necessidades da população.

A vereadora C afirma ter promovido encontros, nas escolas municipais, entre pais, conselho tutelar e especialistas a fim de discutirem, principalmente, o consumo de drogas. Aqui, vê-se a preocupação da vereadora com a educação e a saúde dos alunos, talvez pelo fato de ser professora e verificar tais questões no seu cotidiano.

Outro aspecto interessante apontado por Bourdieu¹⁹, no que diz respeito ao campo da política, é a necessidade de seus integrantes terem uma “preparação especial, a qual incluiria o adquirir saberes específicos (teorias, problemáticas, conceitos, tradições históricas, dados econômicos).

A vereadora P expôs que além do estímulo dado pela família (marido e sogros), dedicou-se à realização de curso de graduação:

Então, assim foi um conhecimento bem grande, aí eu comecei a estudar Ciências Políticas, para me preparar mais ainda para a campanha de 2012, por que daí eu já tinha mais experiência. Em 2008, eu não considerava ser suficiente. Aí dentro do curso eu procurei já fazer cadeiras que me preparava. Em 2010 eu já comecei minha campanha para 2012. Comecei a trabalhar com a comunidade, seguir a cartilha que eu aprendi lá com o cientista político de que era possível sim, tu te tornar vereador, tu te eleger sem ter prestado serviços, por que assim tem muitos presidentes de associação, tem muita gente que usa isso como trampolim para se eleger. E eu queria mostrar que não,

¹⁸ Depoimento da vereadora A, em 17.06.15.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1998, p. 169.

que tu pode conquistar as pessoas e mostrar que tu tem condições de ser um bom vereador sem ter sido aquela pessoa que muitas vezes faz assistencialismo.²⁰

É interessante observar que mesmo que a vereadora afirme que realizou curso de Ciências Políticas, o que indica a preparação teórica, ela afirmou a importância da vivência, da experiência real a fim de convencer as pessoas de sua capacidade política.

No depoimento da vereadora C, também se pode ver a importância do conhecer os indivíduos e o espaço geográfico que a candidata pretendia convencer:

O trabalho que a gente fez foi bem foi reconhecido, o pessoal viu na campanha a popularidade que a gente tem, então quando tu tem bastante conhecido, tu domina uma vila, é fácil a gente fazer trabalho e a política gira assim é onde tu conhece bastante que tu consegue desenvolver o trabalho.²¹

Nessa fala, a vereadora assume seu esforço em conhecer a região que representaria “a vila”, indicando que tem envolvimento com essas pessoas e que isso facilitaria sua atuação. Esse aspecto é nomeado por Bourdieu²² de domínio prático, o qual exige a passagem por alguns ritos, por uma “espécie de iniciação”

Por sua vez, a prefeita T, afirmou que:

Porque na verdade, eu sempre digo assim, não tem um curso. Como, por exemplo, tu tá estudando para se formar, eu estudei para ser técnica em enfermagem, estudo para ser enfermeiro, fisioterapeuta. Para político não tem cursos. Então assim, não tem curso “Como ser vereador”. “Quais as atribuições do vereador”. Então, nessa primeira legislatura, eu encontrei muitas dificuldades porque tinha noção que o vereador era a pessoa que fazia leis, eu achava, uma pessoa que fazia leis e ajudava então na aprovação dos projetos vindos do Executivo.²³

Esse depoimento sugere, ainda, a falta de preparação para a ocupação de cargos legislativos, ou seja, aparentemente o conhecimento teórico não é fator relevante para a eleição de alguém, ou que há pouco oferta de espaços para esse aperfeiçoamento, ao menos no ponto de vista da prefeita.

Questionou-se as mulheres em relação as suas motivações para participarem da política do município, e, para a prefeita T:

²⁰ Depoimento da vereadora P, em 25.06.15.

²¹ Depoimento da vereadora C, em 10.06.15.

²² BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1998, p. 169.

²³ Depoimento da prefeita T, em 14.07.15.

É a forma de eu tentar fazer diferente, tentar mudar aquilo que existe, mas para melhor, para valorizar. [...] O que me motiva, é assim, é a esperança e a certeza que nós podemos cada um fazer a sua parte, e melhorar a máquina que já existe. Porque existe uma máquina, que ela funciona automaticamente. Só que a minha esperança e o meu desejo, é poder ir lubrificando essa máquina com cada vez óleos melhores, para que ela funcione melhor. Que o motor do carro depende muito do óleo que tu utiliza para que ele funcione bem, né, a mecânica depende. Então eu só quero ser isso. Eu quero ser esse óleo que motive para que essa máquina funcione melhor. Para que essa que tá insistente funcione melhor, para daí adquirirmos uma melhor, para ir funcionando, e assim por diante. É isso que me impulsiona na política.²⁴

O depoimento anterior revela, talvez, a necessidade que a prefeita via em ter o reconhecimento da mulher, que até então não havia sido ouvida no campo da política, pois se trata da primeira prefeita da cidade em questão.²⁵

A vereadora P afirma sua motivação para a política surgiu de uma vontade própria, e:

Então na verdade procurei, estudei esse partido, procurei esse partido até em função de ter uma pessoa que me introduzisse nele. Por que assim é muito difícil fazer política do nada, entendeu? “Ah eu queria participar”, isso vem de pai pra filho, de sobrinho, aquela coisa toda. Sempre tem alguma ligação, alguém que já fez política, que tu acompanhou, sabe? Gente que nasceu com os pais na política, e se torna político. Eu não, né, eu descobri que eu queria e então tinha que achar um caminho e daí foi através dessa presidente de partido que eu me filiei, e acabei conhecendo mais a política partidária.²⁶

Essa vereadora afirmou que a motivação inicial veio da ato de “bandeirar” em uma campanha política, ou seja, ela passava o dia segurando a bandeira de um partido/candidato, com o intuito de fazer propaganda. Ela não deixa muito claras as suas motivações, mas para Avelar²⁷, o indivíduo pode participar por fazer parte de uma elite política, com tradição em participação; apresentar consciência de classe, a fim de superar o baixo status social; ou uma escolha racional, quando o indivíduo vê que sua participação na política lhe trará mais benefícios que a sua não participação. A vereadora não deixa evidente sua motivação, entretanto pelo seu depoimento, pode-se

²⁴ Depoimento da prefeita T, em 14.07.15.

²⁵ AVELAR, L; CINTRA, A. O. **Sistema Político Brasileiro: uma introdução**. Rio de Janeiro: UNESP, 2007.

²⁶ Depoimento da vereadora P, em 25.06.15.

²⁷ AVELAR, L; CINTRA, A. O. **Sistema Político Brasileiro: uma introdução**. Rio de Janeiro: UNESP, 2007.p. 271.

desconsiderar sua participação justificada pelo primeiro motivo, podendo-se cogitar as duas outras motivações – consciência de classe ou a observação de benefícios.

Para a vereadora A, sua motivação justifica-se pela sua aproximação com um grupo de mulheres, conforme relata:

Então começou mesmo que ao mesmo tempo essa militância em função da questão das mulheres e a militância no partido. Já também descobri a Pastoral da Saúde, e aí comecei a conversar com as mulheres da Pastoral, fazer palestras, discutir planejamento familiar e tal. Então meio que tudo veio aí a calhar. Esse é o meu envolvimento na política começando a partir da minha visão como médica e como as mulheres viviam, as necessidades que elas tinham, e a importância de se lutar por alguma coisa. Então assim, ao mesmo tempo, que tinha militância partidária, tinha militância no movimento.²⁸

Nesse relato a vereadora deixa clara sua motivação, ou seja, sua participação em um grupo de mulheres da pastoral da saúde, ou seja, a partir da consciência de uma classe – mulheres.

Em relação à presença da mulher na política, a vereadora P observa o seguinte:

Ainda se ocupa um espaço muito pequeno, tanto no regional quanto no nacional. É um congresso de 500 e tantos deputados, eu acho que a gente tem, não sei se chega a 20% de mulheres. Precisa se ampliar, dentro das câmaras de vereadores, dentro das prefeituras também, apesar de que aumentou, teve um aumento de mulheres a frente, mas precisa aumentar muito mais. Na Assembleia Legislativa do Estado também o número aumentou, mas precisa aumentar mais. Mas, é aquilo que eu te disse no início o ideal seria 50%. 50% de homens e 50% de mulheres.²⁹

A vereadora A, percebe a presença feminina na política da seguinte maneira:

Cada partido indicasse 30% de mulheres na sua lista de candidatos. Bom, é um avanço. Claro que as mulheres são as últimas e não são criadas condições para as mulheres serem assim candidatas também efetivas. Tu vê agora nós elegemos uma mulher só, eu ainda acho que os homens são mais agressivos, os homens vão muito mais a campo e o nosso povo ainda tem a mentalidade de que política é coisa para homem e de que as mulheres se masculinizam para ir para a política. Então isso, é uma coisa que a gente trata de lutar para que não aconteça.³⁰

²⁸ Depoimento da vereadora A, em 15.06.15.

²⁹ Depoimento da vereadora P, em 25.06.15.

³⁰ Depoimento da vereadora A, em 17.06.15.

A depoente C menciona, inicialmente, que a presidente Dilma, de acordo com sua opinião, está fazendo um bom governo, indicando ser honesta, para, a seguir, comentar:

Eu brincava que mulher não é só pra pilotar fogão, hoje a mulher está ali também tem condição. Às vezes, até tu pensa melhor, os homens até são mais fracos que a gente. Bota um diretor numa escola, não funciona, homem dirigindo escola. Pode cuidar onde tem cara lá daqui um pouco não dá certo, ele pode ter vice mulher e tudo, mas não é a mesma coisa. A mulher tem mais visão para negócio. Na política, a mulher não se vende tanto, mulher não entra muito em negociata, os caras não, já montam uma empreiteira e negociam [...] trocam favores, “eu te ajudo lá na campanha, mas na licitação lá eu tenho que entrar”, mulher não, mulher já é mais econômica, aponta, sabe administrar, por que já tem uma casa para administrar, então ela tem esse feeling a mais, e o cara tem muito uma desvantagem, são muito cabeça oca. Aparece uma mulher começa a rir, começa a mostrar que está interessado [...]. E a mulher já é mais difícil, se tu quiser derrubar um cara o que tu faz? Implanta uma mulher. Contrata uma mulher e derruba o político. Os caras são daquele tipo levantam a pomba, exibicionista, querem aparecer, muitas vezes o cara é até pacato, só que tu implanta uma mulher tu derruba o cara. Jogador de futebol é a mesma coisa.³¹

Para essa depoente, os políticos masculinos tem maior tendência à corrupção, sendo mais comum ver acordos entre eles que entre as mulheres. Outro aspecto interessante apontado na fala da vereadora é a capacidade de gerenciamento que a mulher tem, pelo fato de terem experiência de gerência da própria casa. Além disso, ela comenta que os homens também são facilmente ludibriados por uma mulher, ou melhor, pelos encantos dessa mulher.

A prefeita T diz que:

Nós podemos e estamos ao lado dos homens e precisamos dos homens junto nesse processo. O mundo não é somente de mulheres, nem somente de homens. Então, é bem difícil, a gente estar nesse meio, e nós estamos vivendo essa transição. Eu vou dizer que os homens, meio que, eles se assustam um pouco com isso também, né. Mas nós temos que ter clareza que nós estamos mudando junto.³²

A entrevistada indica sua percepção a respeito da presença das mulheres na política, apontando para a necessidade de um trabalho em conjunto, onde homens e mulheres dividam espaços para um bem coletivo, mesmo que, para ela, os homens estejam assustados com as mudanças vividas pelas mulheres.

³¹ Depoimento da vereadora C, em 10.06.15.

³² Depoimento da prefeita T, em 14.07.15.

PRIMEIRAS DAMAS

Ao analisar os depoimentos do outro grupo de mulheres, envolvidas com a política, pode-se dizer que elas foram, de certa maneira, “forçadas” a participarem desse campo, pois se tratavam de esposas de prefeitos, tornando-se, então, as primeiras damas.

E, a respeito dessas mulheres, pouco tem se discutido, pois elas permanecem à sombra dos maridos, no entanto são impelidas a exercerem certas ações políticas, as quais são inerentes ao cargo que ocupam.

Questionada, a entrevistada H, relatou que:

Na verdade eu não tive nenhum cargo eletivo, eu sempre ajudei nos bastidores, sempre tive envolvida, sempre. Em vinte e cinco anos que eu estou envolvida com política, em função do J (marido). O tio dele foi candidato na época a vereador, a prefeito da cidade depois. O pai dele foi candidato a vereador... Ele, candidato a vereador, três vezes ele foi a deputado, prefeito... E eu sempre gostei desse envolvimento. Mas, não concorrendo a nenhum cargo eletivo. Mas sempre gostando do mundo da política e assim, no que é possível fazer. Tem um lado bastante difícil que não aparece muito, que é a falta de tempo que tu tem pra dedicar, num período que tu tá, digamos, a frente de um projeto, as tuas coisas pessoais. E isso... Tem que abrir mão de muita coisa...³³

O depoimento indica que H, apesar de gostar do seu envolvimento com a política, não pensava em se candidatar a algum cargo, mas que se sentia parte desse espaço, pelas circunstâncias em que se encontrava, ou seja, esposa de um candidato. Seu relato aponta para o fato de ter de deixar suas atividades de lado, a fim de acompanhar o marido nos compromissos políticos dele. Esse fato revela que a mulher ainda deve, de certa forma, abrir mão de sua própria vida para acompanhar a vida projetada pelo marido.

Outra entrevistada, S, relatou que:

Não, eu nunca tive assim, ideal de fazer política. A gente faz política no dia-a-dia porque isso está inserido na vida das pessoas né. As pessoas dizem ‘ai eu não gosto de política’, mas é que política é a tua vida, teu dia-a-dia, se subiu um produto e tu quer fazer uma manifestação contra, tu tá fazendo política. As pessoas tem uma ideia que política é só política parlamentar, ou é só ser vereadora... Não, a política é a vida, é o dia-a-dia, são as lutas sociais do dia-a-dia. Eu, em especial, não tenho nenhuma intenção, assim, política pessoal minha não.³⁴

³³ Depoimento da entrevistada H, em 18.09.15.

³⁴ Depoimento da entrevistada S, em 27.10.15.

Nesse depoimento, vê-se que a mulher percebe que fez parte do campo político por conta de uma necessidade, mas aponta para um fato muito importante a percepção da amplitude da política. Ou seja, ela indica que apesar de não querer compor um partido, tem consciência que o ser humano é um ser político por natureza.

Quando questionadas a respeito das dificuldades tidas, as mulheres disseram:

Tem um lado bastante difícil que não aparece muito, que é a falta de tempo que tu tem pra dedicar, num período que tu tá, digamos, a frente de um projeto, as tuas coisas pessoais. E isso... Tem que abrir mão de muita coisa... E a gente teve a experiência de ter filho pequeno, o Daniel tinha um ano e meio quando o Jair foi candidato a vereador. Levava ele junto no final de semana nas caminhadas, aí tinha um carro de apoio com mamadeira, com água, com tudo. É, foi...(entrevistada S).³⁵

Pra mim sempre foi um pouco difícil ter que conciliar tudo isso. Sempre deu bastante trabalho. Mas os meus filhos eles sempre foram muito tranquilos. Quando eles eram bem pequeninhos, às vezes eles ficavam com alguém, às vezes eles iam conosco. (entrevistada I).³⁶

É. Eu penso que foi difícil. Foi difícil pra elas também... A minha mais nova tinha dois anos quando meu marido entrou na política. (entrevistada H)³⁷

Nos depoimentos das entrevistas o ponto comum em relação às dificuldades vivenciadas ao longo da participação política diz respeito, principalmente em conciliar a vida pública com a privada, ou seja, cuidar dos afazeres do cargo e das tarefas domésticas. Uma delas inclui a realização de suas próprias tarefas como algo difícil de realizar. Vê-se, mais uma vez, que à mulher delega-se o apoio ao marido, o cuidado dos filhos e da casa, e, se for possível, seus próprios compromissos.

Em relação à atuação dessas mulheres, com a elaboração de projetos, a entrevista H afirmou que trabalhou com a Casa de Saúde Mental, com a reestruturação de creches e campanhas do agasalho.

A entrevista S afirmou que fazia a arrecadação de bens, de brinquedos, de roupas, de sapatos, de alimentos, para que a distribuição fosse feita pelo Serviço Social, pelas assistentes sociais, porque elas sabiam bem o que uma e outra famílias

³⁵ Depoimento da entrevistada S, em 27.10.15.

³⁶ Depoimento da entrevistada I, em 16.11.15.

³⁷ Depoimento da entrevistada H, em 18.09.15.

precisavam. Ela comentou que não deixou de praticar sua profissão, ou seja, conseguiu conciliar a atuação como primeira dama e profissional da área da saúde.

As ações realizadas pelas entrevistadas se circunscreveram ao âmbito da família, das políticas sociais de auxílio a crianças, a mães, à arrecadação de agasalhos; e uma delas indicou um trabalho com saúde mental, por ser uma atividade próxima à sua atuação profissional. O que se percebe é que de acordo com os depoimentos, as mulheres não criaram projetos muito diferentes daqueles realizados por outras primeiras damas, reforçando a ideia de assistencialismo que é comum para esse tipo de participação política.

A continuidade na carreira política, para a entrevistada S não estava em seus planos, pois afirmou que “Eu, em especial, não tenho nenhuma intenção, assim, política pessoal minha não”. Por outro lado, lembrou que:

As pessoas dizem ‘ai eu não gosto de política’, mas é que política é a tua vida, teu dia-a-dia, se subiu um produto e tu quer fazer uma manifestação contra, tu tá fazendo política. As pessoas tem uma ideia que política é só política parlamentar, ou é só ser vereadora... Não, a política é a vida, é o dia-a-dia, são as lutas sociais do dia-a-dia.³⁸

Então, apesar de não ansiar por nenhum cargo político, ela tem consciência que a atuação política é algo muito mais amplo.

A entrevistada I, relatou que “Não, eu sou do PMBD, faço parte, vou nas reuniões, até estou um pouco fora, mas eu participo ativamente da vida partidária. Mas não significa que eu tenha que ter uma função pública de cargo pra fazer”.³⁹

A entrevistada H, por sua vez, afirmou que “Sim, eu fui candidata a vereadora, em um período depois que meu marido foi deputado federal, aí quando ele foi candidato de novo a prefeito, eu fui candidata a vereadora. E eu não me elegi assim por cem votos”.⁴⁰

Vê-se, pois, que o exercício da política pode ser a ação política, ou seja, a participação nas questões sociais, mas sem relacionamento com partidos políticos.

Quando questionadas em relação à presença das mulheres no campo da política, a entrevistada I, afirmou que:

³⁸ Depoimento da entrevistada S, em 27.10.15.

³⁹ Depoimento da entrevistada I, em 16.11.15.

⁴⁰ Depoimento da entrevistada H, em 18.09.15.

Eu acho que o papel da mulher sempre vai ser relevante, porque nós temos entendimentos, às vezes, diferente do homem, mas que queremos a mesma coisa, o desenvolvimento da cidade, do país, da nação, do mundo de um modo geral. Nós temos olhares diferentes sobre mesmas questões. Então, eu acho que não é uma questão nem de certo nem de errado, são visões diferentes que tratam do mesmo tema. E ela pode ser um complemento, ela não deve ser, na minha opinião, um embate. Mas são percepções diferentes pra serem abordadas. E que elas devem trazer um bem estar pra comunidade.⁴¹

O que a entrevista diz relaciona-se com o que Avelar⁴² assevera a respeito da participação feminina na política, mencionando que elas trazem para a política percepções diversas das masculinas, por terem prioridades diferentes.

A entrevistada H afirmou que:

Ah, cada vez crescendo mais. Quando eu vi que Dois Irmãos, já há mais tempo, a prefeita se elegeu, e por aí a fora, né, nós tínhamos uma vice aqui, hoje a presidente é mulher... Ah, crescente, e também acho excelente. A gente tá vendo a mulher crescendo em tudo né?⁴³

Percebe-se que a entrevistada reconhece mudanças na participação de mulheres na política, entretanto observa-se, também, que ela cita três exemplos de mulheres na chamada “elite política”⁴⁴, número que continua sendo escasso, comparado ao número de homens.

E, para S:

Eu acho assim, que nós mulheres podemos, hoje, a luz do dia de hoje, nós podemos dizer que somos semelhantes aos homens. Eu digo semelhantes porque em algumas profissões, em alguns lugares, a mulher e a mulher negra ganham salários abaixo. Mas isso em alguns lugares, em alguns setores. De modo geral, nós estamos em um nível de igualdade.⁴⁵

A percepção da entrevistada é de igualdade dos gêneros, em quase todos os setores da sociedade, entretanto, ela indica perceber diferenças salariais em alguns setores e em relação às mulheres negras.

⁴¹ Depoimento da entrevistada I, em 16.11.15.

⁴² AVELAR, L. **Mulheres na elite política brasileira**: canais de acesso ao poder. São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung Representações no Brasil, 1996.

⁴³ Depoimento da entrevistada H, em 18.09.15.

⁴⁴ AVELAR, L. **Mulheres na elite política brasileira**: canais de acesso ao poder. São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung Representações no Brasil, 1996.

⁴⁵ Depoimento da entrevistada S, em 27.10.15.

A seguir, expõe-se uma síntese das respostas das entrevistadas na quadroque segue.

Quadro 1 – síntese das respostas das entrevistadas

Categorias	Vereadoras	Primeiras Damas
Perfil	Enfermeiras, professoras, médica, com idade entre 34 e 68 anos.	Donas de casa e profissionais liberais, com idade entre 34 e 68 anos.
Trajatória	Iniciaram a carreira política através de sua inserção na comunidade, com projetos/ filiação a partidos políticos.	Iniciaram a carreira política através do cônjuge.
Família	Extremamente vinculadas às responsabilidades familiares(filhos, cônjuge, afazeres do lar)	Extremamente vinculadas às responsabilidades familiares(filhos, cônjuge, afazeres do lar)
Projetos/objetivos/Perspectivas	Preocupação com o preparo para atuar na política (cursos). Busca pelo reconhecimento do papel da mulher na política e na sociedade. Representação do espaço que a elege.	Busca pelo reconhecimento do papel da mulher na política e na sociedade. Assistencialismo.
Carreira (Dificuldades/ Preconceitos/ Desafios)	Dificuldade em conciliar trabalho e família. Falta de experiência com os compromissos da política.	Dificuldade em conciliar trabalho e família.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Através de um comparativo das mulheres presentes no campo da política, é possível perceber diferenças interessantes entre aqueles que estão inseridas através de sua participação direta, daquelas que entraram na carreira política através da atuação do cônjuge.

As principais diferenças são na forma de pensar as suas ações relacionadas ao conhecimento das dificuldades e necessidades do seu eleitorado, pois as vereadoras/prefeita apresentam maior apropriação destes aspectos. Por outro lado, as primeiras damas apresentam suas ações vinculadas às ações políticas do governo do cônjuge, uma vez que realizaram tarefas previamente estabelecidas para este cargo, principalmente relacionadas ao assistencialismo.

O que se evidencia como similaridade entre as duas categorias de mulheres envolvidas na política, é o fato de terem de conciliar trabalho, compromissos políticos e família. Ou seja, a ocupação de um cargo público, independente de qual seja, não exime a mulher das tarefas do lar, do cuidado dos maridos e dos filhos. Além disso, todas elas enfatizam estarem empenhadas pelo reconhecimento do papel da mulher na política e na sociedade.

A presença feminina no campo política tem se construído há muito tempo, mas de uma maneira muito lenta, e, algumas vezes, informalmente. O que se pode observar, ainda hoje, ao menos no Brasil, é uma pequena parcela de mulheres envolvidas com a política partidária.

No entanto, esse pequeno envolvimento partidário não quer revelar ausência das mulheres nas ações políticas do dia a dia. Ou seja, observa-se o envolvimento de muitas mulheres em atuações que são voltadas para a comunidade, mas, muitas vezes, com pouca visibilidade, porque circunscritas a um espaço muito próximo de sua residência, por exemplo.

O que se percebeu com as entrevistas realizadas foi a falta de tradição de participação da mulher na política do município, uma vez que desde que a cidade se constituiu como independente, poucas mulheres concorreram a cargos eletivos (vereadoras ou prefeitas).

Das mulheres eleitas, pode-se identificar uma perspectiva do fazer político voltado para a comunidade, ressaltando-se a preocupação em não se envolver com questões “masculinas” como a corrupção. Por outro lado, salientaram a necessidade de mulheres e homens trabalharem conjuntamente, com o intuito de melhorar as condições do município.

No que diz respeito a outra categoria de mulheres, as primeiras damas, pode-se perceber que o seu envolvimento com a política se relacionava, exclusivamente, em virtude de sua condição de esposas de prefeitos. Essas mulheres evidenciaram suas participações como algo decorrente dessa condição e não como um desejo pessoal. No entanto, afirmaram que, apesar de não terem desejado esse papel, tentaram contribuir com a política da cidade.

Observa-se, então, que a política ainda é um espaço, no município, do qual a mulher permanece um tanto afastada, o que sugere a necessidade de ocupação desse lugar.

RECEBIDO EM: 31/05/2016

APROVADO EM: 13/10/2016